

ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS E LINGUAGEM: QUAL A SUA RELAÇÃO?

GIFTEDNESS MULTIPLE INTELLIGENCE AND LANGUAGE: WHAT IS YOUR RELATIONSHIP?

Renata Gomes CAMARGO¹

RESUMO: O estudo da relação entre Altas Habilidades/Superdotação – AH/SD-, Inteligências Múltiplas e Linguagem é o foco deste artigo, que tem por objetivo identificar e compreender as linguagens pelas quais os estudantes com AH/SD expressam o seu potencial, entendido a partir da Teoria das Inteligências Múltiplas. A pesquisa foi qualitativa e o instrumento para coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, realizada com 24 estudantes com AH/SD. Os dados foram apreciados por meio da Análise de Conteúdo. Como principal resultado tem-se que a maioria dos estudantes indicaram mais de uma forma de expressão preferencial, nas diferentes linguagens, por meio de signos verbais e não verbais. Assim, as estratégias para a constituição da acessibilidade educacional, voltadas às pessoas com AH/SD, necessitam estar vinculadas aos atos de conhecer, instigar e reconhecer as diferentes linguagens e as suas expressões.

PALAVRAS-CHAVE: Altas habilidades/superdotação. Linguagem. Inteligências Múltiplas.

ABSTRACT: The study of the relationship among Giftedness, Multiple Intelligences and Language is the focus of this article, which aims to identify and understand the languages through which students with giftedness express their potential, understood from of the Theory of Multiple Intelligences. The research was qualitative and the instrument for data collection was the semi-structured interview, conducted with 24 students with giftedness. The data were analyzed through Content Analysis. The main result is that most students indicated more than one form of preferential expression, in different languages, through verbal and non-verbal signs. Thus, the strategies for the constitution of educational accessibility, aimed at people with Giftedness, need to be linked to the acts of knowing, instigating and recognizing the different languages and their expressions.

KEYWORDS: Giftedness. Language. Multiple Intelligences.

INTRODUÇÃO

Altas Habilidades/Superdotação, Inteligências Múltiplas e Linguagem, são as temáticas apresentadas e discutidas neste artigo. Buscou-se subsídios relacionais, que trazem aspectos, experiências e vivências relativas à expressão do potencial dos estudantes com AH/SD.

Renzulli (2004) e Renzulli e Reis (2012), sobre a superdotação ou AH/SD, afirmam que envolvem habilidades gerais ou específicas acima da média, elevados níveis de comprometimento com a tarefa e elevados níveis de criatividade. As habilidades/potenciais e a criatividade precisam encontrar meios de serem demonstradas e, o comprometimento com a

¹ Doutora em Distúrbios da Comunicação Humana pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com bolsa demanda social da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Possui graduação em Educação Especial e em Fonoaudiologia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Atualmente é Professora de Educação Especial do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

<https://doi.org/10.36311/2358-8845.2020.v7n1.05.p53>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

tarefa, depende das possibilidades que se tem para que isso aconteça, podendo, por exemplo, ser através do “apoio à expressão de novas ideias” (ALENCAR e FLEITH, 2003, p. 140).

As oportunidades de expressão das AH/SD constituem-se em uma estratégia essencial para o desenvolvimento da acessibilidade educacional para as pessoas com AH/SD. Neste sentido, estuda-se a linguagem verbal (expressão e compreensão), que constitui-se por meio da fala, leitura e escrita, para além da conotação de instrumento de comunicação (BAKHTIN, 2010; FEDOSSE, 2008; FIORIN, 2011; FRANCHI, 2011; GERALDI, 1993). A linguagem é aqui entendida como a atividade que possibilita a interação social (interpessoal), a organização mental (intrapessoal) (VIGOTSKI, 2007, 2007), e ainda, a constituição dela própria, ou seja, do sistema linguístico (FRANCHI, 2011).

Acredita-se, com base em diferentes estudos (BAKHTIN, 2010; FEDOSSE, 2008; FIORIN, 2011; FRANCHI, 2011; GERALDI, 1993; VIGOTSKI, 2006, 2007), que a linguagem constitui o sujeito e permite a ele significar o mundo (físico e social), ou seja, por meio da linguagem verbal é criada a realidade e/ou os mundos possíveis. Neste âmbito, linguagem verbal e a não verbal estão imbricadas na reflexão sobre as oportunidades de expressão dos estudantes com AH/SD e sobre a relevância destas manifestações nos espaços educacionais que frequentam.

Os estudantes com AH/SD significam o mundo através de um olhar direcionado e influenciado pelas configurações da(s) linguagem(s) da(s) inteligência(s) à(s) qual(is) seus comportamentos/indicadores de AH/SD estão mais relacionados, neste sentido afirmar que [...] a língua é uma atividade constitutiva? Significa pôr em evidência que o problema básico da linguagem é o da significação. Todos os recursos formais da linguagem servem para criar sentido (FIORIN, 2011, p. 10). Mesmo que de forma indireta, a reflexão, a elaboração e reelaboração destes olhares será permeada pela linguagem verbal (GERALDI, 1993, p.5):

[...] a questão da linguagem é fundamental no desenvolvimento de todo e qualquer homem; de que ela é condição *sine qua non* na apreensão de conceitos que permitem aos sujeitos compreender o mundo e nele agir; de que ela é ainda mais usual na forma de encontros, desencontros e confrontos de posições [...]

Neste contexto, parte-se do entendimento de que a linguagem verbal permeia todas as linguagens (verbal e não verbais) relacionadas na Teoria das Inteligências Múltiplas. Os estudantes apresentam comportamentos/indicadores de AH/SD (relacionados às diferentes Inteligências Múltiplas), que são demonstrados por meio de signos e símbolos, diferenciados nas ações e expressões das Inteligências Múltiplas. Assim, o objetivo deste artigo foi identificar e compreender as linguagens pelas quais os estudantes com AH/SD expressam o seu potencial, entendido a partir da Teoria das inteligências múltiplas.

MÉTODOS

A pesquisa que embasou a escrita deste artigo foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal de Santa Maria, sob o protocolo CAAE 01279212.2.0000.5346. O método seguiu a abordagem qualitativa da pesquisa (GIL, 2010) e o estudo teve caráter exploratório. O instrumento metodológico escolhido foi a entrevista semiestruturada, com questões que contemplavam o entendimento dos estudantes com AH/SD, a respeito dos seus comportamentos e o atendimento educacional frente as suas potencialidades e dificuldades.

Esse instrumento, segundo Gil (2010), estrutura-se como uma lista de questões ou tópicos, que tem a função de guiar uma conversa entre o entrevistador e o entrevistado. Foram entrevistados 24 estudantes com AH/SD, nomeados nos resultados por letras do alfabeto, que frequentavam três Programas de Enriquecimento Extraescolar², que funcionam em três estados diferentes: Rio Grande do Sul, Paraná e Espírito Santo, sendo oito estudantes participantes de cada programa.

A apreciação dos dados foi fundamentada na Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). Esta análise foi realizada com base na identificação dos trechos da entrevista relacionados a categoria: Expressão das AH/SD: Linguagens e Inteligências Múltiplas, que contemplava o objetivo desta pesquisa, tendo essa sido eleita após a leitura e releitura da transcrição das falas dos estudantes.

RESULTADOS

Os dados deste artigo advêm das falas dos estudantes participantes da pesquisa, transcritas a partir da gravação das entrevistas, acerca das suas experiências. No Quadro 1 encontram-se os excertos das entrevistas relacionados à Categoria “Expressão das AH/SD: Linguagens e Inteligências Múltiplas.”

Quadro 1. Trechos das entrevistas que representam a Categoria “Expressão das AH/SD: Linguagens e Inteligências Múltiplas”

ESTUDANTES	CATEGORIA EXPRESSÃO DAS AH/SD: LINGUAGENS E INTELIGENCIAS MÚLTIPLAS
A	“Eu gosto de escrever as coisas, porque as pessoas entendem melhor, você não precisa ficar explicando [...] Acho que é mais através da fala, eu uso mais lápis e desenho também [...] Eu uso mais pra me expressar e estudar, vou pensando, vendo o que eu faço e depois escrevo [...] Primeiro eu desenho e planejo, desenhando e escrevendo detalhes [...] Uso outras porque não é tanto do meu interesse, eu não registro tanto, na aula de história eu pesquisei muito mais, trago muito mais coisa [...] Sim eu já, eu faço muitas atividades com os mesmos princípios, que deve ser tema base do conteúdo e que não pode ser mal feito, busco explicar o que, como que eu vou fazer, explico pensando.”
B	“Atuando, por causa que eu acho que assim eu vou me expressar 1000 vezes melhor do que eu tivesse falando com a pessoa normal tipo, porque todo mundo fala que eu já tenho um jeito de atriz, quando eu falo as coisas todo mundo acha que eu falo atuando, mas não é, na verdade é o meu jeito, daí todo mundo, às vezes, eu brinco de teatro na aula, todo mundo gosta, todo mundo me aplaude [...] Eu acho que é mostrar seus conhecimentos e comunicação, é os dois, porque você vai mostrar seus conhecimentos através da pessoa que você é de verdade e comunicação [...] A eu acho que a fala mesmo, eu pelo menos quando me vejo sozinha no espelho, eu acho que é a fala porque até pelos gestos a gente percebe assim, todo mundo fala que eu sou diferente também. Olha no colégio sempre que tem os textos a professora fala [...] elogia nos meus textos [...] geralmente a pessoa entra na história e se imagina lá dentro [...] os meus textos são assim [...] Sim, eu faço isso quase que sempre, porque eu acho que é um sonho meu e eu tento fazer o máximo [...] a eu tenho jeito pra coisa, é assim que eu me expesso, que eu gosto [...] Eu acho que não, a única coisa que teve, que no colégio às vezes tem teatro, até esse trimestre vai ter mais, mas quando eu era menor, eu sempre era chamada pras coisas no colégio [...] primeira coisa eu começa a me lembrar da pergunta que eu vou escrever no papel, vou jogando tudo que eu penso, depois eu tiro as melhores partes e daquelas partes, daqueles tópicos que eu tirei eu faço um texto, faço uma redação, faço alguma coisa, ou eu faço falas[...] Trago, geralmente, no meu trabalho de matemática por exemplo, tinha que fazer um texto sobre o conteúdo que ele deu, até foi no ano passado isso que a professora deu, o tema era fatoração parece, daí eu fui fazendo, ela queria um trabalho criativo, daí eu peguei e fiz fala, eu fiz duas pessoas conversando sobre a matéria [...] o conteúdo não tinha nada a ver com atuar, com escrever [...] fiz os tópicos, depois eu fiz as falas [...].”

² Programa de Enriquecimento Extraescolar refere-se ao enriquecimento educacional, no qual se oferece aos estudantes experiências diversas ao currículo comum, em espaço, horário e/ou organização e/ou atividades fora da escola.

ESTUDANTES	CATEGORIA EXPRESSÃO DAS AH/SD: LINGUAGENS E INTELIGENCIAS MÚLTIPLAS
C	<p>“[...] eu acho que pela música mesmo, de vez em quando eu procuro música do meu gosto, que eu goste, clarinete, informática [...] A musica também eu uso bastante, na banda, eu me sinto bem [...] Muito não, eu acho, na sala de aula eu não consigo usar a música, nem a informática, no (nome do programa) teve a apresentação dos talentos, então eu pude usar a música Eu tento fazer uma coisa que eu goste e que as pessoas também gostem, uma vez eu fiz uns programinhas de computador, [...] jogos assim que eu criei, primeiro eu pensei o que eu ia fazer e depois fui atrás do que eu precisava [...] Acho que talvez, algo que eu fique meio interessado, mais fácil, eu faço diferente, acho que não se é uma coisa que eu não gosto, daí vai mudar o jeito de eu fazer, acho que não é uma coisa que a gente se sente bem, daí a gente não faz com tanta vontade.”</p>
D	<p>“Á me expressar? Acho que através de criações, trabalhos assim, é igual uma vez por ano tem a Feira Estadual de Ciências e Tecnologia eu adoro assim, tá participando, tá em projetos, tá passando conhecimento entendeu? Olha, teve um, acho que deu até um trabalhozinho foi o DTQ, é primeiro forma a ideia assim e depois a gente vê, dá pra botar em prática dá, e cria algo totalmente novo, acho que vem da nossa mente através do que a gente aprende, aí acaba que vai tudo, vai surgindo e quando vê surge uma coisa super legal. Olha, é foi, que todos nós tinha que ter uma ideia, aí primeiro a gente desenvolveu uma ideia ligada ao meio ambiente, aí cada um teve a sua ideia, eu tive como se fosse um detector de queimadas de florestas, aí acabou que eu juntei Física com robótica que eu fazia também, aí montei um protótipo, o protótipo como funcionava, aí além do protótipo tinha que fazer a explicação, o eu não como dizer, tem que falar a explicação tudo certinho, e acho que é isso. [...] Pra mim era isso, era colocar em prática todas estas pequenas teorias tipo, vamos dar um exemplo, as leis de Newton, muita gente acha chata porque vê na teoria [...] Foi vários, foi eu já utilizei modelo robótico, já utilizei, até internet hoje em dia é um recurso, também lá na Experimentoteca que é onde eu fazia, é nós temos, é como se fosse umas caixas com tudo, com vários materiais [...] É, eu tentava juntar tudo [...] É da Física, era mais assim, quando a pessoa olhava e sabia, não dava pra ver muito bem não, era mais assim, igual pressão, com essas coisa, aceleração, mas a gente usa muito isso, pressão, aceleração, movimento, até porque o meu projeto, tinha que ter uma pressão muito forte na agua, vamos supor, eu usava isso, entendeu? [...] Acho que são protótipos, eu falando também, não sei se você já reparou mas eu falo muito, eu falando, tanto quando tem projeto de turmas, to sempre a frente falando, criando, geralmente em escolas, pelo menos aqui, a gente faz muita maquete, protótipo, é criações, é eu to sempre a frente tentando juntar coisas totalmente novas [...] Eu acho que como eu quero que saia da minha mente e as pessoas vejam, coisa que eu falei que eu vou citar muito aqui são protótipos, são pesquisas escritas, são maquetes, protótipos, coisas que realmente funcionem que as pessoas possam ver que aquela ideia deu certo. É eu vou tentando lembrar de pequenas coisas, que fazem assim, que podem me ajudar [...] aí vai criando, vai juntando, aí no final eu mostro através de uma pesquisa ou então de um relatório, qualquer coisa assim. Olha, eu acho que o meio ambiente, ele já foi destruído, mas tem muitas e muitas formas de ajudar [...] Quando você para por um momento e pensa sobre isso, cê vê o tanto de problema que tem, você vai juntando um pouquinho dos seus conhecimentos, você vê que pode ajudar [...] Eu tento, mas eu não me sinto tão à vontade, em fazer o que eu não gosto [...] aí eu até tento, mas sabe não vem a ideia, não vem a animação, que você tem na hora de fazer alguma coisa que você gosta [...] adorei mostrar ideias, adoro criar coisa nova, que eu nunca imaginaria que daria certo, aí acho que sim. Olha, vamos supor, eu fiz robótica só um ano, mas já me ajudou muito, já fiz esse projeto DPQ, já na minha escola eu usei meio que um modelinho robótico pra criar uma maquete que se movia, um negocinho que se movia também já usei, acho que uso sim, vai reaproveitando.”</p>

ESTUDANTES	CATEGORIA EXPRESSÃO DAS AH/SD: LINGUAGENS E INTELIGENCIAS MÚLTIPLAS
E	<p>“Olha, entre teatro, música e desenho, por causa que eu adoro as três coisas [...] quando eu desenho eu só desenho monstros [...] eu toco piano e canto, eu gosto mas nem tanto assim, [...] eu desenho cantando, acho que dos dois jeitos dá pra se expressar legal [...] Principalmente fala, eu adoro conversar com outras pessoas, mas o desenho também, as pessoas veem o desenho, não acredito que uma criança fez isso, eu gosto de usar os lápis mais grossos, 6B assim, e também a caneta Bic azul [...] Musica, teatro e desenho, os três, na aula de artes do colégio [...] é por causa que assim, o diretor de marketing do colégio [...] se apaixonou pela peça, e ele me deu uma bolsa integral pra eu entrar no colégio [...] daí ele escolheu os nove atores do colégio, gente do ensino médio, eu sou o mais novo de lá, eu faço o Dom Pedro [...] aí com esta peça deu pra fazer bastante coisa, bem legal [...] É porque assim, eu gosto de fazer historia em quadrinhos, daí sempre quando eu vou fazer eu gosto de fazer um roteiro grande antes, depois eu encaderno, faço cópias [...] De vez em quando, é por causa que assim, tipo, coisa que eu não gosto muito eu não me esforço muito, daí eu faço meio de qualquer jeito [...] Os bonequinhos, em todas as edições do caderno eles tão, a eles são assim, uma cabeçudinhos, a cabeça é um circulo, eles tem roupa, corpinho pequeno, daí eu faço os detalhes no rosto, na roupa de cada um, tipo o de ciências é um Einstein com um avental assim, com aqueles negocio, com bigode e dois cabelinhos assim, é porque assim, eu gosto de desenhar, mas eu não posso, daí eu coloco eles na matéria já que aí pode.”</p>
F	<p>“Não sei, no desenho, no modo de falar, na pintura nem tanto, mas, eu prefiro mais no desenho, porque eu acho que no desenho eu consigo transmitir mais o que eu gosto, fazer também traços no desenho [...] Eu expresso aquilo que eu gosto né na arte, por exemplo, estilos, estilo gótico eu gosto muito de fazer, estilo de igrejas também, eu gosto bastante de fazer [...] Material? Depende, depende muito, pode ser folha comum né “chamex”, com lápis normal também 2D, ou pode ser uma folha mais áspera né, como “Canson”, e tem o lápis 6B também, que é pra sombra [...] Bá eu não sei, mas como você disse? Através de palavras e imagens, poderia ser desenhos, ou se não gravuras imprimidas, poderia ser o meu desenho[...] uma aula que eu não goste, eu tenho que aprender [...] eu já não faço desenhos assim, principalmente na aula de Educação Física [...] então, mais como eu não faço desenhos, daí eu já não tenho como te responder [...] Sim, por exemplo, sombreamento pelo lápis 6B, eu uso, eu pego por exemplo pra fazer o desenho de uma igreja, é, por exemplo eu faço uma igreja, aí tem aquele detalhe da sombra, por exemplo, onde o sol tá batendo na fotografia [...]”</p>
G	<p>“[...] mas quando eu to quieto, como nesse momento que eu to agora eu consigo falar mais coisa [...] Falar, bilhetinho, quando o professor não deixa a gente falar. Que eu consertei um carrinho de controle remoto, fiz um robô em casa, fiz um roupão pra minha gata. Sim, futebol, “o seu ruim”, xadrez eu falo “xeque matei”.”</p> <p>“Internet [...]. Quando eu era lá da robótica, eu fiz aquilo lá com cano, aquela outra bazuca [...] Não faço, porque tem coisas que são mais legais do que as outras, tipo ciências, matemática, é o rei e um mendigo. Faço, que de vez em quando, dá um exemplo, você tem que fazer um trabalho de matemática assim, aí vai ter uma prova extra de matemática, aí o cara vai fazer só pra errar, tipo fazer pra matemática, como é que eu vou fazer uma invenção pra matemática? Pra ciências é mais fácil, tipo se eu pegar isso aqui e transformar o celular numa coisa, na câmara.”</p>

ESTUDANTES	CATEGORIA EXPRESSÃO DAS AH/SD: LINGUAGENS E INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS
H	<p>“Eu gosto de várias pinceladas que me expressam bastante minha alma, se entendeu? Eu gosto muito, eu não gosto muito de nada certinho, porque a arte não é nada certinha, se eu quero o certo eu tiro uma fotografia, então eu gosto de se expressar bastante, com várias pinceladas, então se nunca vai encontrar na minha vida um quadro certo, eu gosto de muitas pinceladas, isso é uma coisa que vai ficar registrada, que eu não vou pintar certinho, sempre com pinceladas [...] Bom, pessoas é, chorando, pessoas tristes, alegres, crianças que não querem ver a realidade, que tá acontecendo no mundo, se entendeu? Que é as coisa assim de ruim, é, matando as pessoa, o meio ambiente, cortando arvores essas coisa assim, elas não querem ver, elas querem ficar de olhos fechados, tem um quadro lá atrás que eu fiz isso. Materiais, primeiro, eu nunca tive materiais bons de artes, meu primeiro material que eu tive, foi da minha professora E. da minha escola de artes me deu, primeiro foi um papel que eu fiz de pastel, giz pastel, que eu pintei e ela achou assim, isso aqui ficaria muito bom no tinta à óleo, na minha casa eu tenho, vo te essa tinta [...] mas é cara né [...] to conhecendo ainda vários materiais de arte que eu mudo assim, mas é isso [...] Sim, na escola, em outras áreas, bom assim, eu tenho várias inspirações, eu acordo com uma inspiração, eu sonho com as coisas, já acordo desenhando/ pintando, é uma coisa louca assim que acontece comigo. Matemática, português, é isso? Às vezes eu retrato a matemática, o português, nas minhas matérias também, o X que é vezes eu transformo em obra de arte, o menos, várias coisas, casas, muitas coisas legais [...] Sim, eu busco sobre, ciências eu não curto muito, mas eu desenho assim algumas coisas, eu trago para as pessoas algumas cenas [...] Sim, teve uma vez que teve, eu acho que foi na Praça [...] nessa série eu trabalhei com pessoas africanas, pessoas passando necessidades, e eu fiz várias séries disso.”</p>
I	<p>“Eu tenho minhas maneiras, eu gosto de falar de mim, do trem, desenho, primeiro eu projeto, vou projetando na minha cabeça e passando pro papel, no momento eu só to fazendo o desenho do trem, pra quando eu crescer fazer os cálculos e as formulas [...] Pode falar trem de novo? Porque às vezes eu uso o trem, uso carro, uso caminhão, porque também eu gosto de carro, caminhãozão. Ia falar como é que faz [...] Certas vezes não, tem que ser com escrita e não dá pra falar só sobre o trem né, mais de outras coisas que aprendeu [...] Vai na mente, daí se se torna uma coisa escrita eu escrevo, por exemplo, sempre faço do meu jeito, sempre é diferente, nunca é do mesmo jeito, sempre é diferente [...] Muito bem o cérebro, a forma de fazer vem direto da minha cabeça [...] Um jeito diferente porque fica meio chato, daí eu mudo toda aquela chatice pra uma coisa mais legal [...] Sim, por exemplo, nos trabalhos, eu sempre vou na internet pesquisa, faço sempre as mesmas coisas iguais, eu mesmo esquema igual, bibliografia [...] As criações nunca são iguais, os desenhos podem ser os mesmo, só que sempre muda alguma coisa, tipo na chaminé, muda tudo, nos desenhos dos carros modernos e caminhões, primeiro eu to fazendo o design por fora, daí eu vo fazendo dentro, e no futuro quando eu crescer e tiver mais ou menos com 15 anos, eu vou começar a desenhar a parte de dentro dos trens, daí quando eu tiver com 20 vou me preparar e construir o trem de verdade, a coisa que eu mais conheço na minha vida é trem, paixão.”</p>
J	<p>“Falando, que é o único jeito melhor de se expressar [...] ajudando e também aprendendo [...] Aram, consigo me expressar em qualquer atividade [...] qualquer tipo de coisa, nem que seja, nem que eu brinque de boneca, eu me expresso bem [...] A, primeiro eu falo pra todo o que eu vou fazer, depois eu pesquisa, daí quando eu pesquisa eu deixo já tudo pronto, eu penso em casa, então eu venho aqui e monto [...] Não, sempre uso coisas diferentes, na cabeça sempre aparece coisas diferentes. No primeiro semestre eu fazia oficina de espaço, fiz a base de lançamento de foguete, o segundo teve a do cinema, eu não pensei, eu pensei em fazer o filme “O fim da terra”, daí é assim, eu vou formulando ideias diferentes.”</p>

ESTUDANTES	CATEGORIA EXPRESSÃO DAS AH/SD: LINGUAGENS E INTELIGENCIAS MÚLTIPLAS
K	<p>“Eu gosto de escrever, quando eu pego pra escrever e tenho um tema eu adoro escrever, tipo eu boto tudo que eu vi [...] adoro mais escrever em inglês do que em português eu acho [...] que era pra você escrever um texto de tantas palavras que era pra você fazer, sobre um problema ou alguma coisa, daí eu me divirto escrevendo sabe, tipo um problema e uma solução, acho gostoso assim [...] Não sei, tipo internet, eu tenho meu tumbler lá, é tipo um blog mas é mais assim rede social ao mesmo tempo [...] tipo adoro, tudo que eu gosto, tipo se você abrir aquela página você vai ver, eu sempre to procurando coisas que eu gosto e botando [...] É tipo me expressar em outras atividades? Sempre gosto quando tem que montar trabalho, que tem que fazer pesquisa, passar a limpo, tipo, eu adoro ver o resultado do painel feito é bem legal, ou tipo redação mesmo [...] Primeiro eu pego o tema e pesquiso na internet, por exemplo, esses dias eu fiz um trabalho sobre o Egito [...] daí eu pego escrevo bonitinho e vai colocar no cartaz, tipo eu gosto de colocar com as minhas palavras, não curto copiar e colar [...] Quando eu não gosto eu procuro deixar de um jeito que seja mais legal pra mim, mas portugues lê livro, tipo sabe quando não vai assim? Então eu leio um pouco o resto que eu não consigo eu peço pra alguém me ajudar e tal, eu acho muito complicado, o que eu não gosto eu faço mais ou menos, eu não busco escrever e sei lá, tipo resumo de livro pra mim é nossa tipo não, se você ler o livro tira dez [...] A tipo geralmente quando eu to fazendo um trabalho de montagem geralmente eu uso as mesmas coisas, os mesmos programas, quando eu sei o site que tem as coisas, é a mesma estrutura, só que eu pesquiso outras coisas e deixo a aparência diferente.”</p>
L	<p>“No desenho, ou escrevendo, eu gosto bastante de escrever, não sei, no computador, por exemplo, eu falo bastante com os meus amigos, e também, às vezes assim, falar, eu converso muito, [...] tipo converso mesmo [...] eu tenho tipo um tumbler, que é uma rede social, que daí tem tipo posts, com coisas bonitinhas. Caneta, a sei lá, tipo um lápis uma caneta, pra escrever ou pra desenhar, eu tenho uma amiga que ela foi pra Alemanha, e ela trouxe um estojo com vários tipos de lápis, é 2B, 6B, tem até o “H” eu acho, daí tem vários lápis, que eu uso pra desenho, eu tenho varias borrachas também [...] gosto também bastante de desenho de observação, daí você olha uma coisa e fica tentando fazer igual, eu faço também muito desenho com sombra, daí é só preto e branco, eu prefiro mais do que o colorido, eu acho que com uns seis ou sete anos eu comecei a fazer aula de pintura [...] às vezes tipo eu to lá desenhando e a minha mãe vem que eu não paro nem pra ligar a luz, tá de noite e eu to lá desenhando mesmo sem luz, ela vem você tem que ligar a luz se não estraga sua vista [...] normalmente eu uso em trabalho da escola, por exemplo, faça um cartaz, daí eu pego e desenho no cartaz e daí você tem que apresentar o cartaz e explicar o que tem lá [...] Eu prefiro que o pessoal olhe e goste, não sou muito de falar sobre o que eu faço [...] Normalmente, tem trabalho de historia, trabalho de geografia, eu gosto muito de falar, por exemplo, produção de texto em português [...] Primeiro eu pesquiso na internet, primeiro você precisa ter uma base pra fazer qualquer coisa, aí depois, se precisar fazer um texto, eu pego minhas pesquisas, pego o que eu sei e faço um texto [...] teve um trabalho que era pra fazer uma camiseta sobre o trabalho infantil, daí tinha que fazer uma pesquisa [...] o trabalho era você colocar lá uma frase e só colocar a frase, daí eu achei que ia ficar muito sem graça uma camiseta branca com uma frase, daí eu coloquei “nesse momento tem criança trabalhando e você aí continua reclamando da vida “, aí eu coloquei vida em vermelho, bem chamativo, daí fiz um fundo, pra deixar mais colorido, bem legal [...] Normalmente, porque é mais fácil, se eu não gosto muito eu procuro deixar de um jeito que eu goste mais, e como eu gosto de desenhar, gosto de escrever, gosto de desenhar, normalmente eu procuro usar essas várias que acaba sendo mais divertido fazer esse trabalho ou qualquer outro tipo de coisa [...] Que eu me lembre acho que não, a acho que sim, eu lembrei uma vez tinha uma exposição e tinha que fazer tipo uma obra de zoom, um quadro com um desenho, aí eu fiz uma casa com um cachorrinho na janela, aí eu peguei e fiz zoom na janela no quadro, no terceiro eu fiz o zoom no focinho do cachorro, é a mesma coisa.”</p>

ESTUDANTES	CATEGORIA EXPRESSÃO DAS AH/SD: LINGUAGENS E INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS
M	<p>“Biscuit e massinha, Tim Burtom e as animações [...] Sim, só em desenho também, mas escrevendo não. Então, na animação, tiro foto em sequencia que é o stop motion, eu sou horrível escrevendo, então eu escrevo o roteiro, e tiro varias fotos em sequencia e coloco no movie maker, que daí faz a animação [...] Tirar fotos [...] Não, primeiro porque como tudo precisa um roteiro, daí precisa do português, escrita, e segundo porque na escola não pode, tipo a gente tá com uma nova professora de artes, é a 4ª desde que eu to na escola [...] porque quando a gente se apegar a uma professora vem outra, ainda bem que é o meu último ano lá [...] Sim, os bonecos e os desenhos, é agora vou começar a historia, eu fiz um boneco imitando a A. C., fiz um boneco imitando o T. D., fiz um boneco imitando uma caveira, fiz um homem de lata, fiz um velhinho já destruí, e um cara que era idiota [...] são tipo personagens que eu imito, outros porque eu to com raiva, to feliz.”</p>
N	<p>“Não sei dizer, eu gosto de ver diversas culturas diferentes, gosto mais de dança, justamente o que eles pensavam e o que eles pensam, como eles agem, como é diferente, me interessa cada vez mais e sempre tento fazer outra coisa, não sei como mostrar [...] Eu gosto de livros, eu gosto de ler, eu gosto de musica, e só. Conversar justamente sobre o que a gente tá aprendendo no curso [...] Tipo assim, grego fica no grego [...] Primeiro, se for uma pesquisa, eu faço uma introdução, que explique tudo resumidamente, e fácil de entender pra quem vai ler [...] Eu tento fazer a mesma coisa, mas eu creio que não fique a mesma coisa, uma coisa é eu gostar, eu faço melhor [...] . Eu tento aprender sempre, escutar quem tá falando, se eu não entender, fica mais difícil, que daí eu não vou gostar mesmo, mas se eu entender, daí eu vou começar a desenvolver o interesse [...] Uma base? Sim, eu tento sempre procurar algo que é mais fácil primeiro, pra depois colocar o que é mais difícil, uma coisa liga outra.”</p>
O	<p>“Mais assim escrevendo ou também falando [...] eu acho que eu tenho mais facilidade na comunicação [...] Acho que na escola dando meu máximo pra estudar, sempre tirando notas altas, acho que é isso. [...] muitas coisas que eu aprendi eu uso assim no dia a dia [...] Não, são mais atividades específicas, tem algumas que é mais complicado se expressar, eu fico mais tímida [...]. Eu sempre faço um esboço de tudo que eu vou fazer, porque se você vai direto daí erra, e pode te complicar [...] É um pouco diferente, pelo fato de que nas áreas que eu gosto mais eu me interesse mais [...] mas nas áreas que eu não gosto eu tenho menos interesse assim, é menos interessante, não se aplica tanto assim [...] Acho que já, eu sempre escrevo bastante, em todos os trabalhos, a o mínimo é de 10 linhas eu faço 20, até eu passo do limite, é a escrita mesmo que eu uso em tudo.”</p>
P	<p>“Eu gosto mais de me expressar através da escrita mesmo, é que daí eu tenho, eu não so muito seguro pra pode falar algumas coisas, daí eu vo e escrevo, daí eu faço melhor, como se o papel fosse uma pessoa assim, é que no papel eu escrevo e daí eu sei que tá ali, que vo pode lê de novo, como se fosse um segredo, mas seu eu quiser uma pessoa pode saber [...] mais muitas vezes em coisas básicas assim eu uso números, não sei porque, já é automático já [...] Como eu disse eu uso bastante escrita [...] Uma ou outra eu guardo, mas a maioria assim eu vejo, aí as vezes muda, aí eu vejo que não vai muda mais nada e daí jogo fora [...] Não sei, as vezes, alguma coisa que aconteceu no dia, aí eu lembro, aí eu vo fazendo algo sobre, aí quando eu vo ver sai alguma coisa boa, ou ruim também, aí assim eu vo conseguindo me expressar [...] com novas informações eu consigo desenvolver a linguagem, aí eu consigo ter uma linguagem mais formal, que as pessoas acham mais bonito, então é bom [...] Não, acho que não, eu utilizo as coisas mais fáceis pra tentar fazer com mais rapidez, como a pessoa não gosta daquilo tenta adiantar logo [...] Eu sempre vo utilizar as novas, eu vou troca, eu vou pegar as normais e vo substituir pelas mais evoluídas, aí como você mesmo disse, o texto fica mais bonito. [...] porque se não fica formal demais e sem graça de ler.”</p>

ESTUDANTES	CATEGORIA EXPRESSÃO DAS AH/SD: LINGUAGENS E INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS
Q	<p>“É roupa e fala, e música, e na forma de vestir, porque na maioria das vezes demonstra o que você é, não que a gente tenha que ver pela aparência, mas na maioria das vezes demonstra quem você é [...] cada um tem o seu estilo, dá pra notar quando uma pessoa é, é forte, tipo eu já toquei metalofone um tempo, quase ninguém sabe o que é isso [...] O jeito de agir, de falar, principalmente a fala, na música, o estilo, os sons, eles ensinavam a teoria, mais a prática, o centro se focava mais na prática, a é muito massa, se ia lá e sabia que cê ia tocar alguma coisa, tipo não ficava só no papel, tipo primeiro a gente tem que aprender e depois pensar no que você quer fazer com o instrumento, eu entro no site e vejo o que tá na moda e uso, também não é só o que tá na moda, é o que eu gosto também [...] É, sim com certeza, em qualquer atividade você mostra quem você é, se expressa, é muito difícil você não ser quem você é, não tipo, depende, tipo se eu to com raiva eu não vou demonstrar muito, mas quando eu to feliz eu demonstro muito, depois que você começa a conhecer vai e tal [...] Ai eu planejo muito, é muito sério [...]. Tem que ter muita vontade de fazer e faz, colocando no papel mesmo, tipo dependendo da pesquisa, mostrando através de mim ou se for uma coisa mais tipo um trabalho de qualquer coisa, mais no seu jeito mesmo [...] Sim, claro, mesmo que eu não goste, tudo que você for fazer tem que fazer bem feito [...] vamos supor roupa, uma coisa que você não gosta você não usaria entendeu, se fosse uma pesquisa sobre roupa sei lá [...] bom de roupa vamos supor, sei lá, complicado, a usar aquilo tal tal eu já usei, alguma peça de roupa é um exemplo, e não pra ficar original o outro desenho.”</p>
R	<p>“Com fala, com gestos, desse jeito [...] Eu às vezes escrevo um pouco, gosto de escrever poema, eu faço, escrever, eu leio bastante, não sei se consta, eu leio vários tipos de coisa, desde livros de ficção até livro científico [...] Bom, eu utilizo sempre em tudo aparece uma coisa, mesmo sendo livro de ficção, aparece alguns elementos, por exemplo, quando o personagem tá estudando, daí aparece, às vezes aparece alguns elementos sobre o que você pode tá aprendendo no colégio, mitologia grega por exemplo, eu sou fã de mitologia grega, egípcia [...] Eu leio pra depois escrever geralmente, você tem que saber sobre um assunto pra escrever sobre ele, geralmente quando eu faço uma pesquisa eu faço assim [...] Aram, em varias situações, em varias atividades, porque le, escrever, falar, é o que você usa, falando, pra todo tipo de informação [...] Eu gosto bastante de cozinhar, é fazer a receita e depois escrever pra não esquecer o experimento [...] Na verdade eu leio e reescrevo em outras palavras [...] eu faço a pesquisa no computador, se a gente tem um livro em casa eu leio num livro, mas sei lá pesquisar sobre gramatica não é muito legal, dependendo da matemática, se for geometria eu até gosto, daí é um jeito legal de fazer, mas não é sempre [...] Acho que sim, não sei, acho que sim, escrever talvez a mesma escrita.”</p>
S	<p>“Eu acho que me expressar de que jeito assim? Acho que falando. De vez em quando, quando a gente vai no jogo de corpo assim, incomoda os colegas. [...] tipo na escola eu me expresso falando o que eu quero [...] Eu me expresso mais pelo Facebook, eu falo com os meus colegas assim, eu escrevo digitando assim, de vez em quando falando no celular, eu falo assim. [...] sei assim instalar programas mais avançados [...] minha mãe colocou senha no computador e eu “raquiei” o computador [...] Eu converso muito com os meus colegas de internet, de jogos, o que eles sabem, muito jogo assim online, daí eu fico jogando e conversando com os meus colegas, instalação de jogo também, a gente troca e ensina como se instala [...] Eu acho que uma coisa que eu faço muito, eu tenho um jogo lá é que como se fosse um Lego, tem os blocos, eu vou quebrando os blocos e você vai montando com as ferramentas, pra fazer abrir as coisas [...] Uma coisa que eu não gosto muito é artes, que eu acho meio inútil, daí quando a professora pede pra entregar uma pesquisa assim, procurar obra assim, eu procuro geralmente na internet, todo mundo procura na internet [...] Acho que não, eu sempre gosto de criar coisa nova, eu não gosto de repetir, só quando não tem mais nada pra entregar, daí sim, tipo assim, em artes eu sempre desenho do mesmo jeito, eu nunca gostei de artes, tipo no computador voltando pra esse jogo, tem diversos materiais, tem tijolo, tem pedra, coisa assim, daí eu uso direto pra fazer, esses dias fui fazer uma casa, faço o teto de uma coisa, o chão de outra, ilumino de um jeito.”</p>

ESTUDANTES	CATEGORIA EXPRESSÃO DAS AH/SD: LINGUAGENS E INTELIGENCIAS MÚLTIPLAS
T	<p>“A eu me expresso de qualquer jeito [...] Olha eu uso o computador, eu uso às vezes os instrumentos que eu tenho e a voz. Eu tenho flauta lá em casa [...] meu pai cria sites às vezes, meu pai me ajudou e eu criei um jogo, um joguinho lá pra mim que é um teclado, aí tu toca as músicas lá [...] Foi legal, mas a minha mãe se irritou comigo porque eu ficava o dia inteiro no computador [...] Aram, eu consigo [...] nas apresentações que eu fiz no colégio uma vez, que eu fiz, a gente faz apresentação desde a primeira série [...] Sim, fica mais agradável, na hora de fazer, porque eu não consigo fazer de outra maneira, essa maneira vai ficar meio estranha pra mim, eu já me acostumei tanto fazer daquele jeito, só consigo fazer daquele jeito. É montando texto, história, às vezes eu faço em quadrinhos [...] Foi no desenho mesmo, o mesmo jeito de fazer todos os desenhos, a única coisa é só mudar a aparência [...] Eu não repito muito as palavras, eu tento usar palavras diferentes, por que às vezes a gente põe sempre a mesma palavra e fica repetitivo, e as pessoas não entendem direito.”</p>
U	<p>“Bom, eu gosto de falar, quando tem um monte de gente junto entendeu? Gosto de falar a minha ideia é esta aqui então vamo fazer, vamo ver se dá certo, é assim, e todo mundo sentado na mesa [...] É aquela coisa que tu falou, eu uso assim, através da fala, escrita também, mas não gestos, escrita, por exemplo, a quero a ideia de um robô, senta todo mundo na mesa vamo escrever [...] vamos botar a ideia no papel primeiro, pra depois botar em prática. Bom a gente, desenhos [...] faz no computador então. Ó a gente tem duas partes, tem uma parte que é a parte da programação do robô e a outra parte que é a parte da montagem, a gente começa primeiro pela montagem, a vo faze um robô que vai arrecadar pessoa na chuva, a gente pega põe no papel, desenha o robô, depois a gente vai pro computador, a vamos bota ele alto, aí a gente vai, monta mesmo, e aí a gente vai, pega as pessoa vitimas lá e depois vai pega e trás eles. A programação a gente usa lá uma programação que a gente tá aprendendo agora que é o “Brix” [...] Bom, o primeiro passo é a rotação em graus, e a velocidade ou o tempo, por exemplo é, quero que anda pra frente sete segundos ele vai indo sete segundos, ele é autônomo. Isso que eu falei é tudo escrito, vai pra frente, só que é em inglês, vai pra frente, vamos botar assim, 80 graus, ou, 70 segundos, ele anda pra frente 70 segundos, para e dá volta [...] Bom, eu acho que não, que nas outras atividades é, eu sou mais direto [...] quando eu era menor que eu fazia as coisas, pegava um monte de negócio velho e botava em cima da mesa e fazia as coisas, só assim [...] Bom, às vezes eu faço alguma coisa sozinho, eu mostro ao professor, ó professor tenho uma ideia pra fazer o robô melhorar, pra subir uma rampa, eu vo, aí vamo tenta então, é assim, eu chego lá e o professor me fala. [...] a gente podia usar qualquer coisa, materiais inusitados, materiais de ferro, madeira, aí criava todo mundo junto, todo mundo pensava e criava. Bom, no ano passado quando a gente foi pra São Paulo, o robô, ele teve um problema que quando ele subia a rampa ele não dava, ele ficava muito baixo, ele arrastava, não subia, aí a gente tinha que pensar numa forma de como o robô subir, então aí eu fiquei pensando lá, a gente ficou num hotel, a gente pegou um negócio de uma pista e a gente botou no chão, aí eu, pô professor já sei, a gente levanta mais a traseira do robô, aí a gente foi, levantou a traseira, dois dedos da traseira do robô, e a gente montou ele novamente, colocou ele mais legal e ele subiu a rampa, beleza [...] É nisso aí eu utilizo sim, que a gente tem que aproveitar tudo né? Na vida, eu utilizo do meu melhor, tudo que eu faço, faço com o meu melhor [...] aí eu chamo meus colegas pra fazer comigo [...] Eu não gosto muito de português não, aí tipo, aí o professor, vamo fazer uma produção de texto aqui, aí eu uso: a no começo do ano tive que programar um robô, eu uso assim, entendeu? As coisas da robótica mesmo [...] A, já sim, igual no robô, aí a gente usa aquela mesmo forma ali sempre, sempre aquela ali, a gente melhora ela, bom a forma inicial é um robô com duas rodas, três rodas, uma na frente e outra traseira pra ele equilibrar, com cérebro que é o “Windows XP”, e as peças de Lego, a gente monta entendeu, a tração, e a gente melhora ele, a gente levanta o robô, deixa ele mais alto, deixa ele maior, de acordo com o objetivo.”</p>

ESTUDANTES	CATEGORIA EXPRESSÃO DAS AH/SD: LINGUAGENS E INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS
V	<p>“A assim, porque é uma coisa que me faz bem, não adianta nada eu fazer uma coisa que não me faz bem e eu querer mostrar pra todo mundo [...] Movimentos, técnica, é quedas, que é muita, fico muito roxa ultimamente. Eu e você luta, vamo dar um exemplo, você é meu “keiki”, minha parceira, você usa o quimono branco e eu o azul, eu seguro na sua gola e na sua manga, aí eu pego viro, e te dou o golpe que se chama Ossotogari [...] Sim, eu adoro todas as atividades, mas no momento o melhor mesmo é o Judô, porque eu sempre, desde pequenininha eu fui, como diz, a minha mãe fala isso, é agitada, não é não, hiperativa, sempre hiperativa, tenho medalha de natação, medalha de futsal, qualquer medalha que cê quiser eu tenho. É porque assim, no Judô, se tem que dar os passos, 360 graus, 90 grau e 180 grau, e na matemática é assim, você tem que usar o 360 graus, 180 graus e 90 grau pros angulo né, aí tem que usar assim, aí toda vez que a professora fala aqui, a professora isso aí tem no Judô, ela fala aí que legal, bom que você traz pra sala que daí você já vem com aquela noção tem no Judô e aqui, então isso fica focado aqui e ali, estudando lá e aqui [...] Eu penso assim que eu tive capacidade de fazer aquilo, e que eu não posso desistir, qualquer coisa difícil, nada é impossível [...] Bem, se eu não gostar de uma coisa, vou tentar gostar mais ainda dela, se você fala assim, R. faz matemática, se eu não gosto vou tentar demonstrar o quanto for pra você pensar que eu gosto daquele negocio, e tentar gostar, porque não adianta nada fazer uma coisa que eu não gosto, nada que eu aprendi nada e ficou aquilo por fazer, nem perder meu tempo com aquilo dali [...] Já, muito, a tipo assim, mesma luta, tem que ter a mesma coisa, mesma técnica, sempre assim nos treino a gente procura treinar mais as técnicas, as mesma assim, as mais que a gente gosta.”</p>
W	<p>“De forma artística, desenhar, porque a gente pode botar tudo que a gente sente lá no papel, na música também, porque dá pra expressar os sentimentos que a gente sente [...] É a forma artística e a música [...] eu toco escaleta, de vez em quando eu crio alguma coisa [...] Acho que não porque cada uma é uma [...] Fazer um cartaz né, parte artística [...] fazer uma música pra apresentar um trabalho, não sei se ficaria legal [...] Sim, porque se isso não é do meu interesse, tenho que usar coisas que sejam do meu interesse pra tornar interessante, exemplo, História, a parte artística, mais ou menos no primeiro trimestre no início do ano, daí eu fiz um cartaz pra um trabalho de história [...] Não, eu não sou de repetir, porque se não não fica mais legal. Sim, eu acabo criando novas músicas e coisas assim, é com novas combinações de notas, entre outras coisas.”</p>
X	<p>“Em artes, por causa que a gente desenha e a gente pode desenhar qualquer coisa assim que a gente goste. É, até sentimentos. A eu acho que foi, teve uma vez que eu desenhei, que era pra desenhar uma garrafa e desenhar coisas, enfeites em volta, eu eu desenhei uma asa, por causa que eu peguei do meu caderno, por causa que pra mim mostra um dragão [...] Eu uso mais o desenho e mais assim, quando a gente vai falar alguma coisa, a gente sempre fica com as mãos [...] só com lápis e borracha [...] Tinta, de vez em quando no (nome do programa) [...] Nem sempre, porque algumas atividades, por exemplo, Educação Física, tu não tem como usar o desenho assim, só se tu for planejar alguma coisa assim pra fazer [...] Às vezes não, porque tipo não dá, tipo num texto, aí não dá pra ficar desenhando, e quando eu não gosto muito da área eu procuro procurar alguém que gosta, pra me ajudar, eu não gosto muito de misturar. [...] Não, assim a gente desenha em aula triangulo, não é nada assim de desenho mesmo, só triângulos, quadrados, assim coisas pra fazer um cálculo, gostava porque tipo assim, eles dão uma conta aí a professora diz que é pra calcular fazendo os desenhos assim, sabe procurar entender mais [...] Já, o desenho. Lembra assim eu não consigo lembra, mas eu sei que eu já fiz.”</p>

Legenda: Os estudantes participantes da pesquisa foram identificados por letras do alfabeto. Cada linha do quadro contém trechos transcritos das falas das entrevistas realizadas com eles.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

DISCUSSÃO

Os signos das diferentes linguagens das Inteligências Múltiplas, são entendidos a partir dos conceitos de linguagem verbal e de linguagem não verbal. Segundo Bakhtin (2010,

p.31): “Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo”. Baseado em Bakhtin, Flores (2009, p. 213) explica que:

O signo ideológico não só existe como parte de uma realidade, mas também reflete e refrata uma realidade que lhe é exterior, aprendendo-a de um ponto de vista específico. [...] Os campos do ideológico e do semiótico (signos) são mutuamente correspondentes: o ideológico possui valor semiótico e o semiótico possui valor ideológico. O signo (ideológico) se materializa, de modo verbal e/ou não verbal, no processo de interação social entre sujeitos historicamente situados, os quais desempenham papéis ativos. Nessa interação, a compreensão do signo se dá como uma resposta por meio de outros signos, aproximação a outros signos conhecidos.

Em Vigotski (2007) a definição de signo corresponde “a representação de algo”, sendo essa representação construída socialmente, porém o signo por ser um instrumento de mediação interna das ações, é controlado pela própria pessoa, em outras palavras, é um meio de atividade interna (pensamento) que mediatiza/orienta uma atividade externa. Os signos também são elementos constitutivos da enunciação e podem ser verbais ou não verbais.

A propósito destas noções de signo (linguagem verbal) e signos (linguagens não verbais), encontram-se nos estudos de Luria (1991) uma diferenciação entre linguagem verbal e não verbal. Este autor (LURIA, 1991) destaca que a expressão verbal é uma atividade complexa. Nesta, na linguagem verbal os elementos de linguagens não verbais, constituídas por, gestos, imagens, sons, símbolos, assumem representatividade expressiva de algo pensado pelo sujeito e, nesse sentido, assumem um significado e uma expressão, que podem ser verbais ou não verbais.

Luria (1991) explica neuropsicologicamente, como acontece o postulado vigotskyano de que a linguagem participa, direta ou indiretamente de todos os processos cognitivos (FEDOSSE, 2000). Pode-se pensar, até, em uma aproximação entre os estudos de Luria (1991) e Gardner (2010), quando o primeiro aborda a existência de todos os processos cognitivos, possibilitados por um funcionamento em concerto, de diferentes áreas cerebrais específicas e, portanto relacionadas a ações diferentes. Assim, entende-se, por exemplo, que nas áreas cerebrais especializadas na percepção corporal e na relação espaço-temporal (lobo parietal) sejam aquelas mais relacionadas à inteligência espacial. O sujeito com AH/SD em algum esporte, por exemplo, pode estar buscando signos relacionados à linguagem não verbal para compor a sua expressão.

Bakhtin (2010) também permite uma complementação do entendimento de Luria (1991), uma vez que explica que a formação da expressão verbal, na mente humana, pode compor-se de diferentes signos, logo os signos verbais podem, para além de sistematizar e significar um objeto, ação, impressão, combinarem-se com signos não verbais para compor determinada expressão:

Mas o que é afinal a expressão? Sua mais simples e mais grosseira definição é: tudo aquilo que, tendo se formado e determinado de alguma maneira no psiquismo do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem com a ajuda de algum código de signos exteriores (BAKHTIN, 2010, p. 115).

Neste sentido, é a linguagem verbal que permite, por exemplo, que um gesto mais relacionado à inteligência cinestésico-corporal, tenha uma significação singular na expressão do

sujeito que o pratica, pois, anterior a sua concretização na expressão corporal, ela foi pensada, selecionada, elaborada/planejada e significada por meio da linguagem verbal, mesmo que em solilóquio, com base nas suas experiências precedentes. Esta condição fica ainda mais evidente quando as expressões são discutidas, ou seja, pensadas, selecionadas, elaboradas por meio do diálogo. A propósito, Bakhtin (2010, p. 115) explica que “A expressão (verbal) comporta, portanto, duas facetas: o *conteúdo* (interior) e sua *objetivação exterior* para outrem (ou também para si mesmo)”.

Armstrong (2001) instiga a reflexão sobre a diversidade das linguagens e inteligências múltiplas ao expor cada tipo de inteligência e os seus sistemas simbólicos (assim chamados por ele) envolvidos. Tal reflexão remete à diferenciação entre a linguagem verbal e a não verbal, sendo que a primeira perpassa todas as inteligências múltiplas, principalmente em termos de organização mental e interpretação do mundo (físico e social), estando ainda mais presente, segundo Armstrong (2001), na expressão das inteligências linguística, interpessoal e intrapessoal.

Este autor fala em “Susceptibilidade à codificação de um sistema simbólico” (ARMSTRONG, 2001, p.21) para referir a sistematização de todas as inteligências múltiplas. Tal asserção foi elaborada, em primeira instância, por Gardner (2011, p.34):

Uma inteligência deve ser também suscetível à codificação em um sistema simbólico: um sistema de significado, produto da cultura, que capture e transmita formas importantes de informação. A linguagem, a pintura e as operações matemáticas são três sistemas de símbolos, praticamente mundiais, que são necessários para a sobrevivência e produtividade humana. A relação entre uma inteligência candidata e um sistema simbólico não é casual. De fato, a existência de uma capacidade computacional nuclear antecipa a existência de um sistema simbólico que aproveite esta capacidade. Embora seja possível que uma inteligência funcione sem um sistema simbólico, sua tendência a uma formalização deste tipo constitui uma de suas características primárias.³

A descrição trazida por Gardner (2011) deixa clara a questão da expressão nas diferentes linguagens, relativas a cada inteligência, afirmando que cada diferente capacidade, pode gerar um sistema de signos que comunique a sua linguagem própria (por exemplo, a composição de uma dança e/ou música, a confecção de uma escultura e/ou pintura, a elaboração de um robô), porém sempre permeados pela linguagem verbal. Os signos verbais permitem escolher, organizar, significar e elaborar a expressão, a qual em um segundo momento, pode ser concretizada por meio dos signos não verbais eleitos pela pessoa. Nos termos de Franchi (2011, p.65):

[...] a atividade linguística supõe ela mesma esse retorno sobre si mesma [...], de modo a estabelecer uma relação entre os esquemas de ação verbal interiorizados pelo sujeito e a sua realização em cada ato do discurso; como atividade seletiva e consciente, na medida em que reflete sobre o processo mesmo de organização e estruturação verbal [...]

É pertinente abordar a questão do conceito **símbolo, mais utilizado pelos autores que estudam a Teoria das Inteligências Múltiplas** (ARMSTRONG, 2001; GARDNER, 2011, 2010), e de signo usado por Bakhtin (2010), Fiorin (2011), Franchi (2012), Geraldi (1993) e Vigotski (2006, 2007). Os primeiros se ocuparam da expressão comportamental que, compreende, a notação de uma relação (constante em uma cultura), precedido por uma convenção entre dois elementos, por exemplo, a balança como símbolo de justiça, enquanto

³ Tradução da pesquisadora.

que os outros ocupados da Linguagem Verbal usam signo e, justifica-se a escolha do termo signo por entender que esse é o mais abrangente e engloba o entendimento contido nas duas nomenclaturas utilizadas pelos autores estudados, que é relativo à representatividade.

Também, cabe destacar que se utilizou o termo signo no texto partindo da reflexão de Franchi (2011), na qual os signos são elementos constitutivos da linguagem, que permitem tratar a realidade e se comunicar nela em um nível semiótico, ou seja, em nível de signos. Ainda, complementa-se e ilustra-se esta descrição, ao trazer exemplos sobre a relação inteligências múltiplas- sistemas semióticos -linguagens- expressão:

Cada inteligência de fato, tem seu próprio sistema simbólico ou notacional. Para a inteligência linguística, existem várias linguagens faladas e escritas, como inglês, francês e espanhol. A inteligência espacial, por outro lado, inclui uma variedade de linguagens gráficas usadas por arquitetos, engenheiros e desenhistas, assim como certas linguagens ideográficas, como o chinês (ARMSTRONG, 2001, p.21).

Armstrong (2001) define pessoas em “estados finais superiores”, porém pode-se dizer, que estas têm AH/SD, pois a partir da definição entende-se que em uma área/inteligência específica demonstraram um potencial intelectual superior, ou seja, a expressão interligada ao(s) tipo(s) de inteligência(s), com a qual mais se relaciona os seus comportamentos/indicadores de AH/SD, atingiu, nas pessoas citadas, **níveis elevados e aperfeiçoados**. Por exemplo, o caso das obras de Frida Kahlo, pintora mexicana surrealista que expressou suas habilidades nas inteligências cinestésico-corporal e espacial.

Estudar as diferentes linguagens das Inteligências Múltiplas sob a perspectiva de que a linguagem verbal perpassa todos os processos cognitivos, ganha novos prismas ao se pensar nas pessoas com AH/SD, nos altos níveis de criatividade dessas e, pela adoção de tal concepção pode-se ampliar as explicações para a diversidade das expressões e, principalmente, alertar os educadores sobre a qualificação das interações sociais de estudantes com AH/SD, o que certamente repercute na Acessibilidade Educacional dos mesmos. Assim, apresenta-se o conceito de função criadora da linguagem de Franchi (2011), como a capacidade inventiva da linguagem a cada expressão.

Os estudantes quando falam nas entrevistas sobre as linguagens pelas quais mais apreciam expressar-se, apontam signos verbais e não verbais. A maioria dos estudantes indicaram mais de uma forma de expressão preferencial, e ainda, que conseguem interligar essas diferentes expressões na maioria das atividades que executam em sua(s) área(s) de interesse.

Este dado remete aos estudos de Gardner (2010, 2011), ao afirmar que todas as pessoas têm as oito inteligências, que atuam de forma conjunta e, exercem influências umas sobre as outras no intelecto, mesmo que alguma(s) é/são mais desenvolvida(s) do que as outras. Isso se acentua nos estudantes com AH/SD, uma vez que a sua criatividade e o seu envolvimento com as tarefas relacionadas à(s) inteligência(s) na(s) qual(is) apresentam habilidade acima da média, faz com que a motivação e, a própria expressão e as significações por meio da(s) linguagem(s) relacionadas, sejam ampliadas, resultando em atitudes e ações inovadoras ou inventivas, essenciais na vivência diária destes estudantes.

Neste contexto, tem-se o exemplo do estudante H, que apresenta um potencial superior nas inteligências: intrapessoal, espacial e cinestésico-corporal. Ele usa das suas “pinceladas”, elemento mais relacionado à duas das suas inteligências (espacial e cinestésico-

corporal) mais desenvolvidas, para criar a representação de um sentimento que esteja querendo expressar em determinado momento (intrapessoal). Assim, uma linguagem (mais relacionada a uma inteligência específica) pode ser o meio para a realização de outra(s) atividade(s) relacionada(s) a outra(s) inteligência(s).

Os estudantes G e X, mesmo tendo sido identificados e se reconhecendo como sujeitos com maiores habilidades relacionadas à linguagens não verbais (pintura, desenho, música, gestos, expressões faciais, acordes musicais, imagens, movimentos corporais, protótipos, etc.), acreditam que apreciam mais a condição de expressarem-se por meio dos signos verbais. Cabe aqui retomar a reflexão sobre o papel da linguagem na vida dos seres humanos, uma vez que sendo constitutiva, os estudantes buscam se expressar e significar sua realidade através das linguagem(s) com as qual(is) mais se identificam, aperfeiçoando sempre a relação linguagem verbal e linguagens não verbais. Isso só é possível pela função criadora da linguagem (FRANCHI, 2011).

Acredita-se que essa função é diferenciada na presença dos comportamentos/indicadores de AH/SD. Essa criação, dada pela linguagem verbal, permite dar maior ênfase, qualificar, modificar, ampliar, aprofundar e explicar as suas expressões verbais e não verbais. Logo, com o desenvolvimento e aperfeiçoamento de seus comportamentos/indicadores de AH/SD, a significação do mundo, por meio da linguagem verbal, também vai mudando, sendo cada vez mais ampliada e qualificada. Isso também é demonstrado quando os estudantes falam sobre a sua relação e/ou atitude perante o estudo e as atividades em áreas que não são tanto do seu interesse.

Alguns alegam aproximar as áreas que não são tanto do seu interesse daquelas que são, pois se expressando através dos signos da linguagem mais relacionados às suas habilidades, tornam as atividades de pouco interesse mais agradáveis e produtivas, por vezes, afirmam que como isso faz parte do seu jeito de ser e pensar, não veem outra forma de fazer. Novamente retoma-se o conceito de função criativa da linguagem (FRANCHI, 2011), que implica na existência da ampliação e de novas significações a cada expressão e, no caso dos estudantes deste estudo, na(s) sua(s) área(s) de interesse, proporcionadas pelos comportamentos/indicadores que os identificam como com AH/SD.

Identificou-se os estudantes que têm seus comportamentos/indicadores de AH/SD mais relacionados às habilidades acadêmicas (RENZULLI, 2004, 2005; RENZULLI e REIS, 2012), como é o caso do estudante A, que relata suas experiências na(s) sua(s) área(s) de interesse em linguagem escrita, a organização e o perfeccionismo que apresenta no planejamento e na execução das atividades acadêmicas. Além disso, evidencia-se a criatividade verbal, por usar a escrita de forma diferenciada da maioria das pessoas.

Os estudantes identificados como tendo AH/SD na inteligência linguística (A, Q, K, O, P, R), bem como aqueles que apresentam inteligências intrapessoal e/ou interpessoal mais desenvolvidas, são os que apresentam maior facilidade para se expressarem através da linguagem verbal. Compreende-se este dado a partir do conhecimento de que especialmente nestas inteligências, a linguagem verbal, é o centro da expressão e de significação dessas pessoas.

Por outro lado, os estudantes, C, D, E, F, H, I, M, Q, V, W e X, acreditam que se expressam melhor e, apreciam mais, se expressarem através de linguagens não verbais. Esta afirmação, relaciona-se com o embasamento e a discussão teóricos, a respeito da relação área(s)

de maior interesse – inteligência(s) mais desenvolvida(s) e expressão preferencial pela linguagem verbal ou não verbal.

Os estudantes K, L, S, citam as formas de comunicação virtual, como um meio pelo qual gostam de se expressar, principalmente com a construção de *blogs*. É importante se expressarem (nas diferentes linguagens) sem repreensões ou barreiras do que querem comunicar. As escolas poderiam deixar livre passagem para o uso de sua criatividade e envolvimento com a tarefa, proporcionando benefícios para a própria escola, inclusive.

O estudo dos dados da pesquisa apresentada neste artigo são de extrema relevância para se pensar na constituição da Acessibilidade Educacional de estudantes com AH/SD, uma vez que se se sentem motivados e “precisam” expressar-se por meio da linguagem verbal e/ou das linguagens não verbais, para acessarem e desenvolverem seus comportamentos/indicadores de AH/SD. Sendo assim, cabe aos espaços educacionais que eles frequentam organizar estratégias e recursos que favoreçam a(s) sua(s) expressão (expressões).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As estratégias para a constituição da acessibilidade educacional, voltadas às pessoas com AH/SD, precisam estar vinculadas aos atos de conhecer, instigar e reconhecer as diferentes linguagens e suas expressões. Esta vinculação acentua-se em virtude da criatividade elevada dos estudantes com AH/SD, independentemente da(s) inteligência(s) que apresentam mais desenvolvida(s), com base na afirmação de Gardner (2011) de que a criatividade permeia todo pensamento humano, logo está presente em todas as inteligências.

Além disso, ao se considerar o desafio em atividades como algo estimulante para os estudantes com AH/SD, foca-se na busca de elementos em alguma inteligência que não tenha tanto domínio para compor o trabalho. Tal **ação** poderá proporcionar novas dimensões para a expressão da linguagem pela qual eles geralmente preferem expressar-se.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E.M.L.S.; FLEITH, D.S. Criatividade: múltiplas perspectivas. 3ª ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2003.
- ARMSTRONG, T. As inteligências múltiplas na sala de aula. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- BAKHTIN, M. M. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 14ª ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro, São Paulo: Edições 70, 2011.
- FEDOSSE, E. Da relação linguagem praxia: estudo neurolingüístico de um caso de afasia. Elenir Fedosse. Campinas, SP: [s.n.], 2000. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. 153 p.

FEDOSSE, E. Processos alternativos de significação de um poeta afásico. Elenir Fedosse. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. 319 p.

FIORIN, J. L. Sobre a natureza e as funções da linguagem - Uma leitura de “Linguagem – atividade constitutiva”. In: FRANCHI, E.; FIORIN, J. L. (org.). Linguagem: atividade constitutiva: teoria e poesia. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 9 – 32.

FLORES, V. do N. et al. (org.). Dicionário de linguística da enunciação. São Paulo: Contexto, 2009.

FRANCHI, C. Linguagem - atividade constitutiva. In: FRANCHI, E.; FIORIN, J. L. (org.). Linguagem: atividade constitutiva: teoria e poesia. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 33 – 75.

GARDNER, H. Inteligências múltiplas: la teoría em la práctica. Tradução por María Teresa Melero Nogués. 1ª ed. 4ª reim. Buenos Aires: Paidós, 2011.

_____. O nascimento e a Difusão de um “Meme”. In: GARDNER, H. et. al. Inteligências Múltiplas ao redor do mundo. Tradução: Ronaldo Cataldo Costa, Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2010. cap. 1, p.16-30.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5ª. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GERALDI, J. W. Portos de passagem. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LURIA, A. R. Curso de Psicologia geral: Introdução Evolucionista à Psicologia -Volume I. Tradução: Paulo Bezerra. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1991.

RENZULLI, J. S. O que é esta coisa chamada superdotação, e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. Tradução: Susana Graciela Pérez Barrera Pérez. Educação, Porto Alegre: RS, n. 1 (52), ano XXVII, jan./abr., 2004, p.76-131.

RENZULLI, J. S.; REIS, S. M. The Schoolwide Enrichment Model Executive Summary. Disponível em: <http://www.gifted.uconn.edu/sem/semexec.html>. Acesso em : 16/03/2012.

VIGOTSKI, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Organização: Michael Cole [et.al.]. Tradução: José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKII, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. Tradução: Maria da Penha Villalobos. 10ª ed. São Paulo: Ícone, 2006.

Recebido em: 03 de outubro de 2019
Modificado em: 23 de março de 2020
Aceito em: 12 de abril de 2020

